

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

PEDAGOGICAL PRACTICES IN LITERACY IN THE FIRST YEAR OF FUNDAMENTAL EDUCATION

Genoveva Matos da Silva Araújo¹

Mariany Almeida Montino²

Resumo: A necessidade da alfabetização para todos é uma meta perseguida desde o século XVI, com ações da Reforma Luterana e da Contra-Reforma Católica. Considerada como o ensino das habilidades de “codificação” e “decodificação”, a alfabetização foi transposta para a sala de aula no final do século XIX, por diferentes métodos de alfabetização. Com base nas pesquisas e estudos de Jean Piaget sobre a teoria do desenvolvimento, que Emília Ferreiro e Ana Teberosky desenvolveram estudos sobre a compreensão do processo de apropriação do conhecimento da aprendizagem da leitura e da escrita, o qual denominaram Psicogênese da Língua Escrita desenvolveu-se o objetivo principal desta pesquisa que é compreender como se desenvolvem as práticas pedagógicas de alfabetização e letramento e o processo de aprendizagem dos alunos, no primeiro ano do ensino fundamental, além de investigar a história das práticas pedagógicas de alfabetização e letramento. Trata-se de uma pesquisa básica qualitativa, com recorte transversal, tendo dados coletados por meio de observação e análise documental. Observou-se que o trabalho da professora está adequado às propostas de letramento e que auxilia a maioria dos alunos a se desenvolverem no processo escrita, entretanto, alguns alunos com dificuldades ficam para trás e não conseguem se alfabetizar.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Ensino Fundamental. Práticas Pedagógicas.

Abstract: The need for literacy for all is a goal pursued since the sixteenth century, with actions of the Lutheran Reformation and Catholic Counter-Reformation. Considered as the teaching of “codification” and “decoding” skills, literacy was transposed into the classroom at the end of the 19th century by different literacy methods. Based on Jean Piaget’s research and studies on development theory, Emília Ferreiro and Ana Teberosky developed studies on the understanding of the process of appropriation of the knowledge of reading and writing, which they called Psicogênese da Língua Escrita, the main objective of this research is to understand how the pedagogical practices of literacy and literacy are developed and the learning process of the students in the first year of elementary school, besides investigating the history of the pedagogical practices of literacy and literacy. This is a basic qualitative research, with a transversal cut, with data collected through observation and documentary analysis. It was observed that the teacher’s work is adequate to the literacy proposals, it helps most of the students to develop in the written process, but some students with difficulties are left behind and can not keep up with the literacy process.

Keywords: Literacy. Literature. Elementary School. Pedagogical practices.

1- Pedagoga e Pós-Graduada em Psicopedagogia – Faculdade ITOP- <http://lattes.cnpq.br/3313908018652452>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9420-165X> E-mail: genovevasilvamatos@gmail.com

2- Doutora e Mestre em Educação (UNICAMP). Professora Pesquisadora da Universidade Estadual do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3117524559575296>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8277-0644>
E-mail: mariany.am@unitins.br

Introdução

A necessidade da alfabetização para todos é uma meta perseguida desde o século XVI, com ações da Reforma Luterana e da Contra-Reforma Católica. Com a Revolução Francesa a escola se torna, segundo a lei, universal e gratuita e passa a estar sob o controle do poder público, que tira da igreja essa responsabilidade. Segundo Barbosa (1994, p.19), “através de legislação centralizadora e unitária, a ideia era massificar para uniformizar”. Com o advento da Revolução Industrial a alfabetização se torna primordial para preparar pessoas que saíram da zona rural e vieram para as cidades para trabalhar nas fábricas, pessoas que soubessem ler e escrever minimamente. Ainda segundo o autor:

A indústria nascente, o sufrágio universal, a urbanização crescente, a necessidade de adoção de novos valores propagados pela nova classe no poder, vieram demonstrar a urgência de garantir a ordem e a estabilidade social através de uma instituição que, ao mesmo tempo, veiculasse os valores dominantes e dotasse o cidadão dos rudimentos da leitura e escrita adequados à situação emergente. (1994, p.19)

A partir daí os educadores vão desenvolvendo diferentes métodos de alfabetização ao longo da história. Considerada como o ensino das habilidades de “codificação” e “decodificação”, a alfabetização foi transposta para a sala de aula no final do século XIX, mediante a criação de diferentes métodos de alfabetização – métodos sintéticos (silábicos ou fônicos) x métodos analíticos (global) –, que padronizaram a aprendizagem da leitura e escrita. Segundo Mortatti (2000), as cartilhas relacionadas a esses métodos passaram a ser amplamente utilizadas como livro didático para o ensino nessa área. Entretanto, Ferreiro (1999, p.47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior à escola e que não termina ao finalizar a escola primária”.

Segundo a concepção tradicional de alfabetização, ler é sonorizar a escrita, portanto o leitor no processo de alfabetização deve desenvolver transformação de sinais gráficos em sinais sonoros, mesmo aquelas cujos significados ele não consiga compreender.

As investigações sobre a alfabetização foram evoluindo com base na Psicologia Genética de Piaget, que estabelece uma distinção clara entre método de ensino e processo de aprendizagem, garantindo que nem sempre o estímulo apresentado pelo professor, é idêntico ao estímulo percebido pela criança. Assim, a aprendizagem deixa de ser vista como uma educação mecânica e passa a ser considerada uma atividade cognitiva, centrada na construção dos conhecimentos.

Foi a partir das pesquisas e estudos de Jean Piaget sobre a teoria do desenvolvimento, que Emília Ferreiro e Ana Teberosky desenvolveram estudos sobre a compreensão do processo de apropriação do conhecimento da aprendizagem da leitura e da escrita, o qual denominaram Psicogênese da Língua Escrita. Segundo seus estudos, as crianças têm noções sobre a escrita e criam hipóteses para compreender a complexidade da linguagem escrita. Assim o conhecimento passa por processos mentais antes de ser assimilado.

A psicogênese pressupõe a criança como sujeito cognoscente, um sujeito que constrói ativamente o saber. Segue-se então que, para serem incorporadas à estrutura cognitiva, as informações percebidas no mundo exterior devem ser transformadas pelo esquema de assimilação do sujeito, através de um processo de reestruturação das hipóteses já elaboradas pelo sujeito da aprendizagem (FERREIRO, 2011, p.73).

Para além desses estudos sobre os processos de aquisição da linguagem escrita, surge na contemporaneidade, o termo Letramento, empregado para distinguir alfabetizados e leitores, ou seja, aqueles que conseguem decodificar códigos escritos, daqueles que, de fato, se apropriaram da linguagem escrita.

Pesquisas recentes têm apontado que a taxa de analfabetismo no Brasil é ainda de 11 milhões de analfabetos de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua Educação, divulgada em julho de 2020¹. São pessoas de 15 anos ou mais que, pelos critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), não são capazes de ler e escrever nem ao menos um bilhete simples. Esse levantamento mostra que existem desigualdades raciais e regionais nas questões de alfabetização no Brasil. Em relação aos brancos, a taxa de analfabetismo é 3,6% e no que se refere à população preta e parda, essa taxa é 8,9%. As regiões Sul e Sudeste têm as menores taxa de analfabetismo, 3,3% entre os que têm 15 anos ou mais, enquanto que na Região Norte o índice é de 7,6%, e na região Nordeste o percentual é de 13,9%.

Diante disso, a escolha desse tema de pesquisa deu-se a partir de estágio realizado no ensino fundamental, observando dificuldades de professoras e alunos acerca do processo de alfabetização, e a partir dos estudos realizados sobre práticas de alfabetização e letramento durante as disciplinas do curso de Pedagogia.

O objetivo principal desta pesquisa foi, portanto, compreender como se desenvolvem as práticas pedagógicas de alfabetização e letramento e o processo de aprendizagem dos alunos, no primeiro ano do ensino fundamental, além de investigar a história das práticas pedagógicas de alfabetização e letramento.

Psicologia Associacionista x Psicogênese da Língua Escrita

Na interativa combinação entre sons e escrita como prática de base para aprendizagem de alfabetização que compõe os aspectos perceptivos como base envolvida na aprendizagem da leitura e escrita, a referência é colocada no ensino da integração auditiva, visual e motora.

Privilegiando a questão do método, o ensino da leitura e escrita tem como marco referencial histórico as contribuições da Psicologia Associacionista, que concebe o processo de alfabetização como a mecânica de associação entre estímulos visual e respostas sonoras (BARBOSA, 1994, p.70).

Para a abordagem associacionista, o processo de alfabetização consiste em transformar sinais gráficos em sinais sonoros, portanto, ler e escrever é um comportamento complexo, que pode ser subdividido em uma cadeia de comportamentos simples; através do controle das respostas obtidas a partir dos estímulos apresentados, progressivamente, a criança aprende a ler e escrever”.

Enquanto a Psicologia Associacionista valoriza o método de ensino, no processo ensino e aprendizagem orientando o processo de maturidade da criança, tendo como ênfase os aspectos visuais da criança na aprendizagem, uma nova abordagem deixa claro a distinção entre método de ensino e processo aprendizagem das crianças. Trata-se das teorias cognitivistas que

¹ <https://agenciabrasil.etc.com.br/educacao/noticia/2020-07/taxa-cai-levemente-mas-brasil-ainda-tem-11-milhoes-de-analfabetos> Acesso em 25/03/2020.

rediscutem o problema do método, uma vez que, segundo ela, a aprendizagem é vista não mais como uma aquisição mecânica das capacidades perceptivas, mas como uma atividade cognitiva, centrada na construção de um conhecimento. Portanto, enquanto nas teorias associacionistas o sujeito é passivo, recebe o ensino e aprende, nas abordagens cognitivas é um sujeito ativo que age sobre o conhecimento, apropriando-se do objeto a ser aprendido, construindo o seu próprio conhecimento sobre a linguagem escrita.

A criança tem uma variedade de conhecimento organizado no decorrer de sua vida. Esse conhecimento funciona como um processo de assimilação em sua vivência no seu mundo, essa é a sua estrutura cognitiva, conforme pesquisou Piaget, diante de um novo objeto a ser assimilado a criança estabelece relação entre o acervo já conhecido e o novo objeto a ser aprendido. Segundo Ferreiro (1996, p.21):

A criança tem uma noção construída sobre a escrita muito antes da aprendizagem escolar, e quando aprendemos a conhecer esse universo de construção, através de suas produções escritas espontâneas, podemos ajudá-la a avançar na sua compreensão sobre a linguagem escrita.

A língua escrita, assim, deixa de ser vista como um código, seus elementos e relações passam a dar sentido a um sistema de representação da linguagem. O objetivo do processo de alfabetização passa a ser o de proporcionar oportunidades de uso da escrita, a fim de levar a criança à compreensão da linguagem como aprendizagem conceitual, apreender como a linguagem está representada na escrita.

A representação da Linguagem e o processo de Alfabetização

O método utilizado para alfabetizar a criança deve obedecer seu estado de maturidade. O processo de aprendizagem da criança é visto como uma construção de conhecimentos, que leva em consideração sua natureza e seu ritmo, sem forçá-la em relação a esse objeto a ser aprendido, em que se leve em consideração o processo de escrita alfabética e a linguagem, com suas características de nível de aprendizagem específica.

A escrita pode ser considerada uma representação da linguagem, e um código de representação da escrita, em unidades sonoras. Conforme Ferreiro (2011, p.14) “A construção de qualquer sistema de representação envolve um processo de diferenciação dos elementos e relações reconhecidas no objeto a ser apresentado e uma seleção daqueles elementos e relações que serão retidos na representação”.

No início da vida escolar ao representar os números e a linguagem, as crianças enfrentam dificuldades de interpretação, quando a linguagem é reduzida a uma série de sons. Embora se saiba falar de maneira correta e fazer as discriminações necessárias, isso não resolve o problema da natureza escrita, uma vez que alguns componentes essenciais da linguagem, não são colocados na escrita. Algumas palavras são escritas de forma semelhante, mas contém significados diferentes, e ainda, muitas vezes, as intenções do que se quer escrever, não se revela apenas na sua codificação escrita, mas na compreensão do que ela representa. De acordo com Ferreiro (2011, p.19):

A consequência última desta dicotomia se exprime em termos ainda mais dramáticos: se a escrita é concebida como um código de transcrição, sua aprendizagem, é concebida como a aquisição de uma técnica; se a escrita é concebida como um sistema de representação, sua aprendizagem se converte na apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, em uma aprendizagem conceitual.

Quando a criança começa a escrever ela tem intuição que uma palavra seja escrita com um certo número de letras e suas produções podem e devem ser interpretadas. Segundo Ferreiro (2011, p.20):

Essas escritas infantis têm sido consideradas, displicentemente, como garatujas, “puro jogo”, o resultado de fazer “como se soubesse escrever”. Aprender a lê-las – isto é, a interpretá-las – é um longo aprendizado que requer uma atitude teórica definida.

Para que a criança possa aprender não é necessário que peça ao adulto permissão, basta aceitar que elas têm capacidade para saber algo, mesmo que ainda não esteja na idade escolar. A criança, portanto, tem um repertório grande de conhecimentos acerca da escrita e da fala, ainda que os seus conhecimentos não coincidam com aqueles válidos socialmente ou presentes na escola.

Ao buscar compreender a escrita da criança, deve-se prestar atenção aos aspectos gráficos da escrita, tem a ver como a criança realiza a qualidade do traço das letras, nas formas, como ela distribui a grafia da direita para a esquerda, as inversões das letras. De acordo com Ferreiro (2011), a escrita infantil segue uma linha de evolução surpreendentemente regular. Foi a partir dessa descoberta que a autora classificou os diferentes níveis de compreensão que as crianças vão construindo em seu processo de alfabetização.

Ao iniciar a construção do conhecimento sobre a escrita, as crianças estão ainda no período do icônico, ou seja, ainda há certa confusão entre o que é escrita e o que é desenho.

De acordo com Ferreiro (1999), a distinção entre “desenhar” e “escrever” é de fundamental importância nesta fase. Num segundo momento a criança começa a construir suas formas para diferenciar as escritas, o que pode ser caracterizado o segundo período. As escolhas para diferenciar as intrafigurais “o que se compreende as primeiras letras das crianças”, se caracteriza nas propriedades na produção escrita, o que caracteriza os elementos necessários para ser interpretado e que seja atribuído um sentido.

Nesse momento, ainda segundo a autora, as crianças apresentam critérios sobre o eixo quantitativo, como a quantidade mínima de letras para se escrever uma palavra – geralmente três – e, sobre o eixo qualitativo, como a variação interna necessária para que uma série de grafias possa ser interpretada. Por exemplo, se o escrito repete o tempo todo a mesma letra, não se pode ler ou seja, não é interpretável, há necessidade de variar o conjunto de letras.

A atenção na audição dos sons das letras da palavra marca o terceiro período. A criança descobre que as partes da sua escrita, as letras podem corresponder a outras partes das palavras que são as sílabas, com a descoberta a quantidade de letras que vai escrever uma palavra poderá ir em concordância com a quantidade de partes sonora que a criança reconhece da oralidade. Inicia-se assim o período silábico, que evolui até chegar a uma exigência rigorosa: uma sílaba por letra, sem omitir sílabas e sem repetir letras.

A hipótese silábica é de grande importância, pois permite as escolhas para regular as variações na quantidade de letras na escrita, e centra a atenção nas partes sonora entre palavras. Segundo Ferreiro (2011, p.27):

A hipótese silábica cria suas próprias condições de contradição: contradição entre o controle silábico e a quantidade mínima de letras que uma escrita deve possuir para ser “interpretável” (por exemplo, o monossílabo deveria se escrever com uma única letra, mas se coloca uma letra só, o escrito “não se pode ler”, ou seja não é interpretável).

Nesse período as letras começam a ter valores sonoros silábicos, o que leva a concordância com as partes sonoras semelhantes entre palavras. Aos poucos, a hipótese silábica vai sendo desestabilizada, até que a criança tem coragem suficiente para se comprometer em um novo processo de construção. Nesse momento ela entra na fase silábico-alfabético. Quando a criança percebe que a sílaba não pode ser única via de acesso a uma unidade sonora, realizado por elemento as letras, ingressa o novo passo a ser descoberto. Que por um lado não basta uma letra por sílaba, já que há sílaba que se escreve com uma, duas até quatro letras, a identificação dos sons não garante a identidade de letras. Segundo Ferreiro (2011), a partir daí, descobre novos problemas: pelo lado quantitativo, que se por um lado não basta uma letra por sílaba, também não se pode estabelecer nenhuma regularidade duplicando a quantidade de letras por sílaba [...].

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa básica qualitativa, com recorte transversal tendo dados coletados por meio de observação e análise documental. Segundo André (2000), o estudo do cotidiano escolar é fundamental para compreender como a escola desempenha o seu papel socializador como instituição responsável, entre outras, pela transmissão do conhecimento acumulado pela humanidade.

Inicialmente realizou-se uma revisão bibliográfica sobre as teorias e práticas pedagógicas tradicionais e construtivistas e sobre Letramento. Após a pesquisa bibliográfica, a investigação foi realizada em uma escola da periferia do município de Palmas, Tocantins, com alunos entre seis e sete anos de idade. Com autorização da direção e da professora da turma e após aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa, passou-se a observar as práticas pedagógicas de uma professora de 1º ano do ensino fundamental, referente à alfabetização dos alunos, durante duas semanas. Pretendeu-se com isso observar o material pedagógico utilizado, a forma como a professora conduz as atividades propostas, a interação com os alunos, e a atenção dispensada aos alunos com dificuldades de aprendizagem.

Buscou-se também identificar os níveis de escrita nos quais os alunos se encontravam, por meio de um ditado de palavras e frases, que foi realizado da seguinte maneira: nos momentos em que a professora considerava conveniente, a pesquisadora realizou a atividade com os alunos, individualmente, em uma carteira reservada ao fundo da sala, explicando a eles que iria ditar algumas palavras a fim de conhecer o que eles já sabiam sobre a escrita. Guardou-se o cuidado de deixar os alunos muito à vontade para participarem ou não. Explicou-se que eles deveriam escrever do jeito como achavam que aquilo era escrito, que não se tratava de uma prova, apenas uma pesquisa para saber como eles achavam que se escreviam aquelas palavras. Em seguida ofereceu-se a eles um quarto de papel sulfite, um lápis e uma borracha. Quando percebia-se que a criança estava relaxada e à vontade, ditava-se as quatro palavras e uma frase.

Após realizar o ditado com todas as crianças - o que levou cinco dias - as escritas foram organizadas e agrupadas com base em níveis próximos de conhecimento da escrita, segundo os pressupostos de Emília Ferreiro. A intenção foi, portanto, a de conhecer o desenvolvimento dos alunos, após todo o trabalho realizado pela professora durante o ano letivo, com foco específico para a alfabetização. Por esse motivo deu-se preferência para coletar esses dados no final do mês de outubro, meados do último bimestre letivo. Dos vinte e cinco alunos da turma, apenas doze levaram autorizações dos pais para participarem da pesquisa.

De posse dos dados, foram utilizadas as contribuições da Análise de Conteúdo para trata-los. No que se refere à observação da prática pedagógica da professora, os dados foram organizados em quatro categorias: 1. Material pedagógico utilizado; 2. Condução das atividades propostas; 3. Interação professora/alunos; 4. Atenção aos alunos com dificuldades. Em relação ao nível de aprendizagem dos alunos, os dados foram organizados em cinco categorias, de acordo com a Psicogênese da Língua Escrita: 1. Nível pré-silábico; 2. Nível silábico sem valor

sonoro; 3. Nível silábico com valor sonoro; 4. Nível silábico-alfabético; 5. Nível alfabético.

Resultados e discussão

Avaliando os níveis de alfabetização dos alunos

Conforme já mencionado anteriormente, esta pesquisa foi realizada em uma escola do município de Palmas, na região central, com uma professora de uma das turmas de 1º ano do ensino fundamental e com doze alunos, com idades aproximadas de seis e sete anos.

A proposta da pesquisa foi observar a prática pedagógica de alfabetização e letramento da professora e a relação processo de aprendizagem dos alunos no 1º ano do ensino fundamental. No primeiro dia de pesquisa, foram entregues os termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para os pais assinarem para que se realizasse a pesquisa com os alunos, e no mesmo dia o documento de autorização da professora. No segundo dia de pesquisa foi observada a prática pedagógica da professora, referente ao material pedagógico utilizado. A partir do terceiro dia de pesquisa foi realizada a atividade para identificar os níveis de aprendizagem dos alunos por meio de um ditado de quatro palavras e uma frase. Foi oferecido aos alunos um quarto de papel sulfite, um lápis e uma borracha. As palavras e a frase foram:

CAPIVARA
LAGARTO
ONÇA
RÃ
O LAGARTO ENTROU NO MATO.

A atividade foi realizada da seguinte maneira: quando a professora achasse conveniente, a pesquisadora chamava um aluno em uma carteira ao fundo da sala, lia os termos de livre assentimento esclarecido (TALE) para os alunos explicando que não era uma prova, apenas uma atividade para saber como eles escrevem aquelas palavras, e que era para eles escreverem as palavras da forma como sabiam escrever sem se preocupar com questões de certo e errado.

O ditado tem uma sequência de quatro palavras que deveriam ser escritas uma embaixo da outra e com letra bastão e em seguida a frase. Na sequência, deveriam escrever seu primeiro nome e sua idade.

Os alunos tiveram dificuldades principalmente na quarta palavra por ser uma monossílabo, não conseguiam relacionar o som das letras para formar as sílabas, porque ainda não perceberam que há possibilidade de uma sílaba ser formada por partes menores, apenas com duas letras, por exemplo. E aqui nos reportamos ao conceito de hipótese mínima de letras, para o qual nos alerta Ferreiro (1996), quando a criança ainda em processo de construção silábica, não admite que se possa escrever uma palavra com menos de três letras.

Após realizada toda a atividade com os alunos, o que levou quatro dias, as escritas foram organizadas e agrupadas com base em níveis próximos de conhecimento da escrita segundo os pressupostos de Emília Ferreiro. A intenção foi, portanto, a de conhecer o desenvolvimento dos alunos e os seus níveis de aprendizagem em relação à escrita, após todo o trabalho realizado pela professora durante o ano letivo.

Em relação ao nível de aprendizagem dos alunos, os dados foram agrupados em 5 categorias de acordo com a Psicogênese da Língua Escrita e para representar os níveis de escrita serão utilizadas siglas, sendo portanto, para pré-silábico – PS (não foram encontrados alunos nesse nível); Silábico sem valor sonoro – SSV – (não foram encontrados alunos nesse nível); Silábico com valor sonoro – SCV – (foram encontrados 2 alunos nesse nível); Silábico-alfabético – SA – (foram encontrados 6 alunos nesse nível); Alfabético – A – (foram encontrados 4 alunos nesse nível). Para identificar os alunos e alunas participantes da pesquisa, cujas identidades foram preservadas, utilizou-se a sigla referente ao nível em que a criança se encontra, seguida de uma ordem numérica, portanto: SCV1, SCV2, SA1, SA2, e assim por diante. As escritas

espontâneas dos alunos foram fielmente reproduzidas e são apresentadas a seguir:

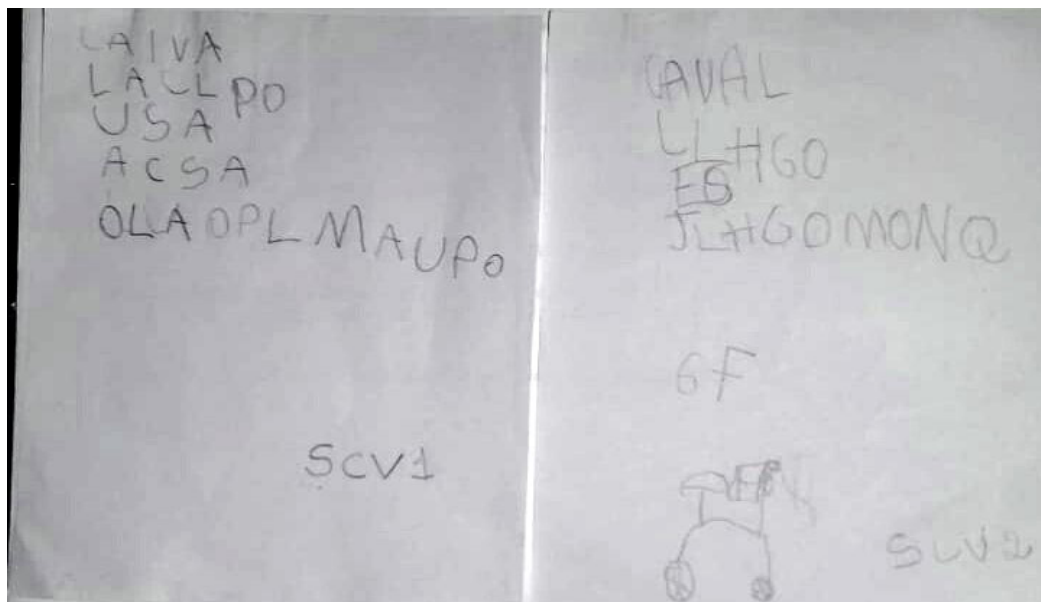
Alunos em Nível Silábico com Valor Sonoro (SCV)

Conforme já mencionamos anteriormente, quando chega ao nível Silábico de escrita, a criança descobre que a escrita representa o som da fala, é uma descoberta fundamental para o seu processo de alfabetização. Nesse estágio, ela costuma utilizar uma letra para representar cada sílaba, cada pedaço da palavra que ela ouve. Dentro do nível silábico há duas hipóteses:

- Silábico sem valor sonoro – a criança já sabe quantos pedaços (sílabas) tem a palavra, mas não descobriu ainda o som de cada letra, sendo assim escreve qualquer letra para representar a sílaba. Ex: CACHORRO = FAN (com três letras uma para cada sílaba).
- Silábico com valor sonoro – a criança já sabe que cada letra tem um som e já reconhece esses sons, portanto escreve uma consoante ou vogal para representar a sílaba. Ex: CAVALO = CAO OU CACHORRO = KXO.

A seguir, apresentamos as hipóteses escritas de dois alunos que se encontram na fase silábica com valor sonoro (SCV1 e SCV2).

Figura 1 - Níveis silábicos com valor sonoro



Fonte: Material coletado pela pesquisadora (2019)

Observa-se que o aluno SCV1, para escrever a palavra CAPIVARA utiliza apenas I para representar a sílaba “PI”, a letra V para “VA” e a letra A para “RA”, entretanto para a primeira sílaba “CA” já utiliza as duas letras, o que mostra que já está em transição para o próximo nível de escrita. E ainda, por não conhecer o som de todas as letras coloca a letra de aproximação do som neste caso para a sílaba “GA” da palavra “LAGARTO” troca a letra G pela C.

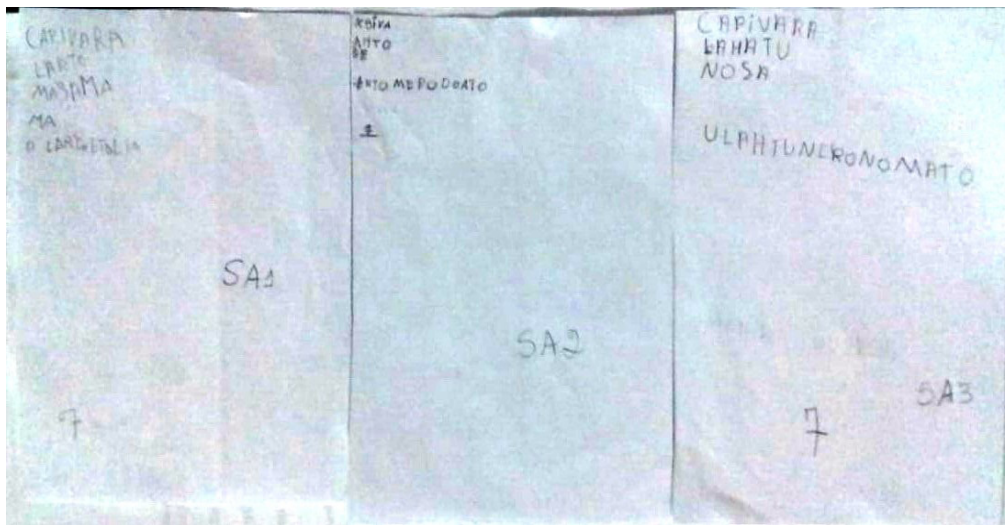
O aluno SCV2, utilizou uma letra para cada sílaba, porque aqui ele sabe que a escrita representa a fala, e cada vez que abrimos a boca ele atribui uma letra. E analisando percebeu-se que ele identifica o som das letras, e utilizou mais o som das vogais A E O, e acabou acrescentando mais letras para completar, sem fazer relação sonora da sílaba. Esse aluno aparenta ter dificuldade de aprendizagem, portanto precisa de mais intervenção para continuar avançando na aprendizagem, porque ainda não consegue acompanhar a atividade da professora que utiliza mesma atividade para todos os níveis, portanto atividades que não estão adequadas

para o seu nível de escrita, e portanto sua aprendizagem não se efetiva.

Alunos em Nível Silábico Alfabético (SA)

Os alunos do nível Silábico Alfabético caracterizam-se pela passagem da hipótese silábica para a alfabética, representando um conflito entre as duas fases, pois a criança já entende que a sílaba é escrita com mais de uma letra, escrevendo uma sílaba ora com duas letras, ora com apenas uma. Ex: TOMATE = TOAT.

Figura 2-Níveis silábico-alfabético



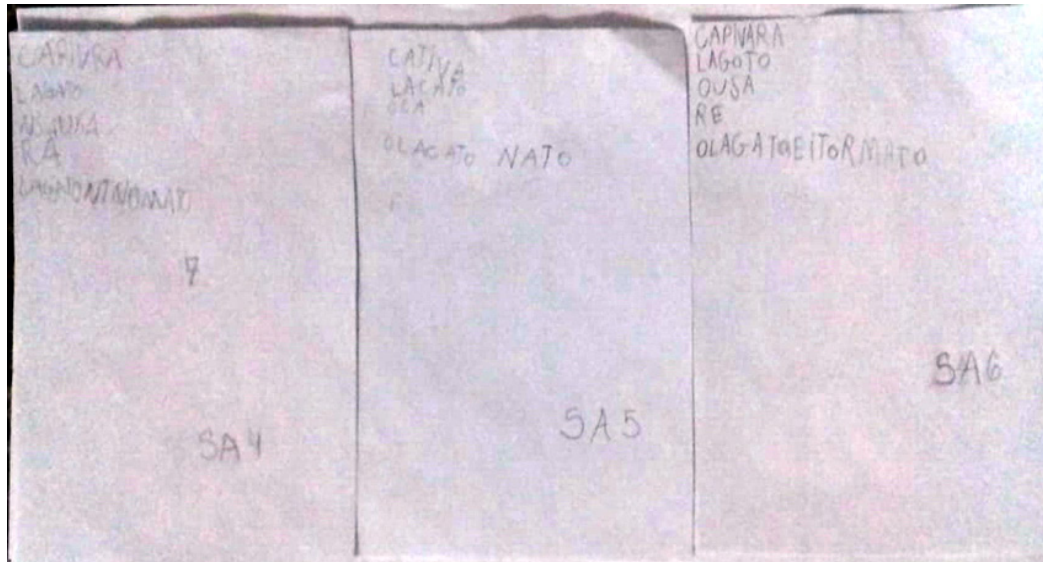
Fonte: Material coletado pela pesquisadora (2019)

Conforme se pode observar na figura 2 acima, o aluno SA1 já compreende que a escrita das sílabas precisa de mais de uma letra, duas ou mais para representar a sílaba e escreve, ora com uma, ora com duas letras, e para a escrita da palavra LAGARTO, ele não percebeu o som da letra G e colocou somente a letra R para representar a sílaba, e ainda para escrever a palavra RÃ trocou a letra R pela letra M.

O aluno SA2, escreveu "KBIVA" para CAPIVARA porque a letra K possui proximidade com a percepção sonora da sílaba CA, e não colocou a vogal, porque pensou não precisar, na segunda sílaba trocou o som da letra P pela B, e colocou a vogal I, ou seja, utilizou duas letras para a composição da sílaba, depois colocou uma letra para a sílaba "VA" e uma para a sílaba "RA", ou seja, ora coloca uma letra ora coloca duas para formar a sílaba. Esse aluno está ainda no início da transição do período silábico para o alfabético. O trabalho com sílabas irá ajudá-lo a perceber o som das letras e continuar avançando no processo aprendizagem.

O aluno SA3 já sabe que para formar a sílaba precisa de duas ou mais letras. Na segunda sílaba trocou a sílaba GA pela letra H, por sua proximidade sonora, fechando duas letras para cada sílaba. Na sequência fez uma inversão na ordem da sílaba, ele fez uma hipótese sonora na sílaba entre letra O e N, esse aluno está em transição para a próximo período, do silábico para o alfabético.

Figura 3-Níveis silábico-alfabético



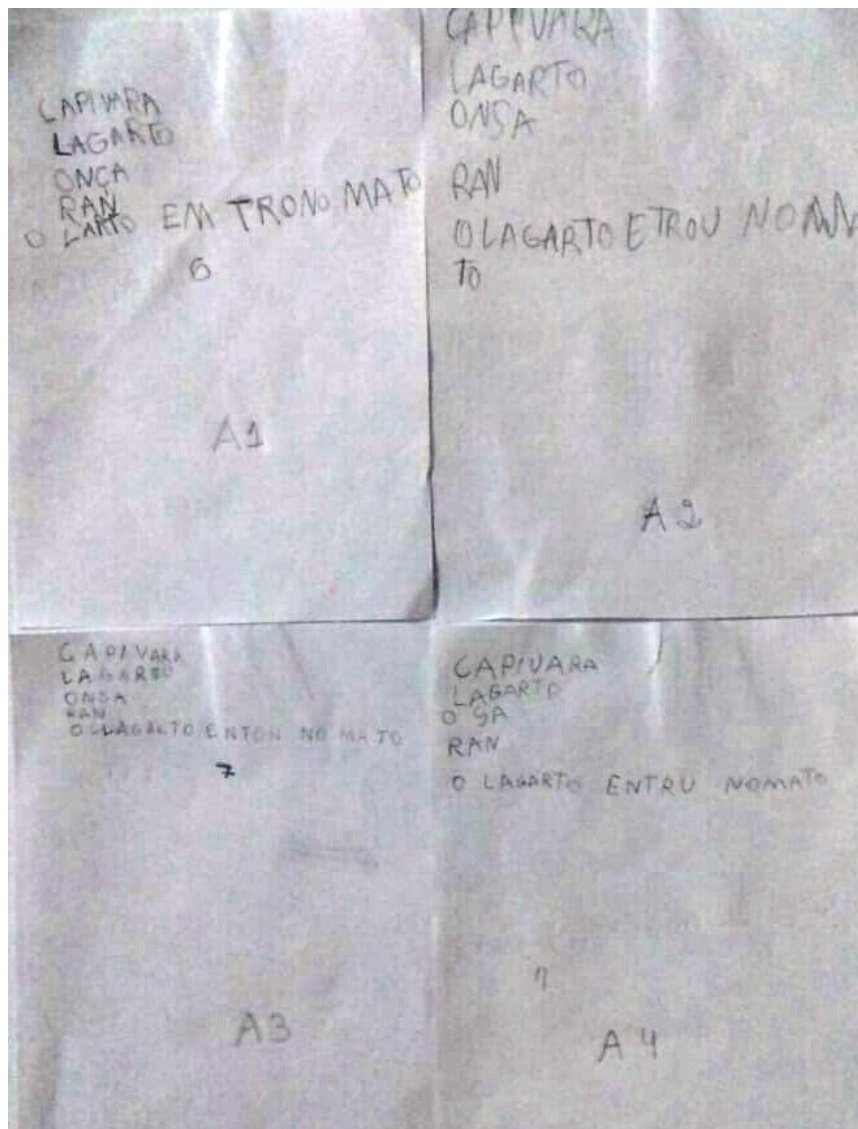
Fonte: Material coletado pela pesquisadora (2019)

Ainda na fase do Nível Silábico alfabético, ou seja, alunos que estão em transição da fase silábica para a alfabética, observamos que o aluno SA4 ao escrever CAPIVARA, atribui geralmente duas letras para cada sílaba, com exceção da sílaba “VA”, quando utiliza apenas a letra “V”. O aluno SA5 apresenta algumas trocas de letras ao escrever “CATIVA” para CAPIVARA trocando a letra P pela letra T, e utilizando apenas a letra “V” para a sílaba VA e a letra “A” para a sílaba RA. Já o aluno SA6, já utiliza, na maioria das vezes, duas letras para representar a sílaba, e ainda troca algumas letras.

Alunos em Nível Alfabético (A)

Estando no nível Alfabético de escrita, a criança já compreende a organização da palavra, sabendo, por exemplo, que o L e A juntos formam LA, e o T e A formam TA, juntando uma sílaba com a outra forma a palavra LATA. Entretanto, a criança ainda não conhece a ortografia correta das palavras, e por esse motivo troca algumas letras que possuem o mesmo som, e ainda quase não usam o encontro de duas consoantes, RR, SS OU N no final da sílaba, por ainda não compreenderem essas dificuldades ortográficas. Ex: Para CACHORRO, escrevem “CAXORO”, para DINOSSAURO, escrevem “DINOÇARO”. Como podemos observar nas escritas abaixo

Figura 4- Níveis alfabético



Fonte: Material coletado pela pesquisadora (2019)

Como podemos observar na figura 4, os quatro alunos encontram-se no nível Alfabético de escrita, ou seja, já compreende a organização da palavra em duas ou três sílabas como é o caso da palavra LA-GAR-TO. Entretanto, observamos que todos escreveram “RAN” para a palavra RÃ e três deles escreveram “ONSA” para ONÇA, visivelmente não um problema de alfabetização, mas simplesmente o fato de ainda não conhecerem a ortografia convencional das palavras, no caso o uso do ã e do ç. Agora necessitam, portanto, um trabalho mais específico com ortografia e com sílabas complexas. Nessa fase já se pode também utilizar a letra cursiva, uma vez que os alunos já estão alfabetizados. Nos períodos anteriores a essa fase, o uso da letra cursiva pode atrapalhar o processo de alfabetização dos alunos.

A prática pedagógica da professora

Conforme já dissemos, no que se refere à observação da prática pedagógica, os dados foram organizados e serão apresentados em 4 categorias: 1. Material pedagógico; 2 Condução das atividades propostas; 3. Interação professora e alunos; 4. Atenção dispensada aos alunos com dificuldades.

Material pedagógico

Os materiais pedagógicos utilizados pela professora e pelos alunos, são os livros didáticos para alfabetização e letramento. A professora utiliza esse material no caderno de atividades complementares, esses livros são de Língua Portuguesa, matemática entre outras disciplinas. Utiliza também um computador como recurso de imagem para leitura de histórias, num horário reservado, quando a professora leva os alunos para a biblioteca. A professora faz também empréstimos de livros de literatura infantil, para os alunos escolher e levarem para casa.

Outro material pedagógico utilizado pela professora são as atividades impressas que os alunos utilizam como atividades para o caderno, que auxilia na alfabetização e letramento dos alunos, principalmente os que têm dificuldades de aprendizagem. Pode-se observar, entretanto, que para os alunos com dificuldades de aprendizagem esse material não está dando suporte adequado para o nível de aprendizagem em que eles se encontram, é preciso atividades para diferentes níveis, que trabalhem a alfabetização e letramento, para formação de sílabas ou alfabeto móvel, para trabalhar melhor o repertório de letras, ajudando na compreensão das unidades sonora das sílabas e formar pequenas palavras.

Condução das atividades propostas

Quanto à forma de conduzir as atividades, a professora utiliza atividades sequenciadas que estão no plano de trabalho, por exemplo, uma história, a receita, o convite, a parlenda entre outras. Como já dito, costuma também levar os alunos à biblioteca para fazerem leitura de história, trabalha a compreensão dos alunos, oportuniza a memorização dos acontecimentos que sequênciam a história, em seguida nas partes da história faz perguntas sobre acontecimentos e personagens para estimular a curiosidade dos alunos. Também observou-se uma atividade com rimas, onde foram escolhidas dez palavras relacionadas a elementos da história e palavras de uso cotidiano para a produção escrita.

Quanto à realização das atividades pelos alunos, observou-se que alguns ainda não conseguem acompanhar as atividades na lousa devido estarem em um nível de alfabetização menos avançado e, portanto, pelo fato de as atividades propostas não estarem adequadas aos seus níveis de compreensão.

Interação professora e alunos

Nessa categoria, pudemos analisar a forma como a professora interage com os alunos durante o desenvolvimento das atividades na sala. A professora escolhe uma aluna para auxiliar na sala, a aluna coloca quantos alunos e alunas estão presentes, soma o total, ainda a professora pergunta o dia da semana e coloca a data.

A professora explica o que vai realizar na aula com os alunos, logo no início, mas os alunos não sabem o que irão fazer na aula seguinte, ela não explica antecipadamente as sequências das atividades. Ela mantém, aparentemente, uma postura democrática, pois não decide sozinha o desenvolvimento das atividades, mantém diálogo com os alunos durante as atividades a serem realizadas juntos, e os alunos participam ativamente. A professora demonstra tratar os alunos de maneira igualitária, sem preferência com aquele e aquela alunas, pois eles recebem a mesma atenção em relação à atividade.

Os alunos com deficiência contam com o apoio de uma professora auxiliar, que, durante as observações, fez interação com música e coreografia para incentivar as crianças a expressar suas emoções, afetividade, e sensibilidade. Essas atividades fariam parte de apresentações para o dia de culminância com as turmas. Observou-se que a aluna com deficiência acompanha o ritmo da coreografia, mas com bastante distração, a aluna senta na primeira fila de carteiras na sala.

Atenção dispensada aos alunos com dificuldades

Em relação aos alunos com dificuldades a professora atividades utiliza diferentes atividades para auxiliá-los no processo de aprendizagem. Observa-se que um dos alunos com dificuldades de aprendizagem senta no meio da sala, outro senta no fundo da sala. E quando a professora explica a atividade proposta aos alunos, ela senta com um deles e ajuda o aluno, enquanto o restante da turma produz atividades.

A professora faz leitura com o aluno no caderno, explica como produzir a atividade, relaciona letras com palavras inseridas no espaço da sala, para o aluno perceber os som das letras nas palavras. A professora relata que a atividade dos alunos precisa ser adequada diferente para os alunos, porque ele tem mais dificuldades para produzir as atividades. Foi observado que, geralmente, as atividades que a professora propõe para eles, é a mesma atividade para todos os alunos. Observa-se, portanto, muita dedicação por parte da professora, entretanto, há deficiência na sua formação enquanto alfabetizadora, uma vez que ela não sabe identificar o nível de escrita em que os alunos com dificuldade estão e, portanto, não é capaz de propor-lhes intervenções adequadas que auxiliem no seu processo de alfabetização e compreensão da escrita.

A alfabetização deve acontecer em um ambiente social ou na escola, isso não quer dizer que os alunos devem aprender todos ao mesmo tempo, os alunos que estão no nível silábico com valor sonoro, por exemplo, que escrevem uma letra para cada sílaba precisam de uma proposta de trabalho que os ajudem a avançar no processo de aprendizagem. A professora trabalhar sempre nesse nível até que o aluno tenha segurança para passar ao nível seguinte. Se as atividades propostas atropelam esse nível para o seguinte e propõe atividades que eles ainda não conseguem realizar, o aluno pode não compreender o processo de aquisição das unidades sonoras das sílabas. Assim, a atividade proposta pode não estar adequada a seu nível de alfabetização, causando insegurança e dificultando ainda mais o processo.

Conclusão

Em relação à pesquisa, conclui-se que foi importante para o conhecimento sobre os níveis de alfabetização e escrita dos alunos, pois a pesquisa acrescenta para minha formação o conhecimento sobre alfabetização e aprendizagem sobre a linguagem escrita. Durante a pesquisa na sala com os alunos, encontramos alunos em três níveis de alfabetização: silábico com valor sonoro, silábico-alfabético e alfabético.

Analisando o nível de alfabetização dos alunos, observa-se que o trabalho da professora está avançando bem com a maioria da turma. Entretanto, em relação ao material pedagógico utilizado pela professora com os alunos, podem não estar dando suporte adequado a todos os níveis de aprendizagem dos alunos, os níveis anteriores ao Alfabético. Diante de atividades direcionadas aos níveis mais avançados, os alunos que ainda não atingiram esse nível não conseguem acompanhar as atividades na lousa, e assim não chegam à compreensão da atividade.

As atividades propostas pela professora parecem embasadas na proposta de letramento e ajuda os alunos a compreenderem a escrita no contexto social, a receita, o convite, a parlenda, entre outras, assim os alunos aprendem sobre a escrita como ela é representada no seu cotidiano.

Quanto à interação com os alunos, observa-se que a professora mantém uma postura democrática e o diálogo com os alunos, pois durante o encaminhamento das atividades decidem juntos. Observa-se também que ela trata os alunos de forma igualitária, sem preferência por esse ou aquele e que se preocupa e dispensa atenção aos alunos com dificuldade durante as aulas, entretanto, o que ela parece não saber é identificar em que nível cada aluno se encontra,

principalmente os que têm maior dificuldade, a fim de propor atividades que alcancem cada nível de alfabetização e ajuda-los no seu processo de alfabetização. Daí sempre a necessidade de maiores investimentos na formação inicial e continuada das professoras da educação básica.

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **A pesquisa no cotidiano escolar**. In: Metodologia da Pesquisa Educacional. Fazenda, Ivani (org.), 6ª ed, São Paulo, Cortez, 2000.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. 2ª Ed. São Paulo. Cortez, 1994.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emília. **Com todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 26ª Ed. São Paulo. Cortez, 2011.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da Alfabetização**. São Paulo, ed. UNESP; CONPED, 2000.

Recebido em 31 de dezembro de 2020.

Aceito em 2 de fevereiro de 2021.